

GALILEIA: O CONFLITO ÉPICO DE UM SERTÃO URBANIZADO

Moema Selma D'ANDREA

Lugar sertão se divulga:
é quando os pastos carecem de fechos.
(Guimarães Rosa)

Sempre fomos uma família de
mentirosos
e fabuladores.
(Adonias)

Resumo: O conflito entre a cidade urbanizada e o sertão invadido pela urbanização é a forma tematizada em Galileia, cujos personagens vivem em conflito de identidade tanto individual, como também de extensões familiares, herdeiros das relações conflituosas entre os habitantes da propriedade dos Rego Castro e a nova geração urbana, personagens que personificam a trágica metáfora em que se tornou a patriarcal propriedade do sertão cearense.

Palavras-chave: Personagens, Sertão, Cidade, Ronaldo Correia de Brito

Abstract: The conflict between the urbanized city and the backwoods invaded by the urbanization is explored in Galileia, whose characters live in conflict between their individual and family identities. They inherit the historical conflict between the inhabitants of Rego Castro's land and the new urban generation. These characters personify the tragic metaphor which they became the patriarchal property of the Cearense backwoods.

Keywords: Characters, Backwoods, City, Ronaldo Correia de Brito

Uma possante camioneta importada conduz três personagens que cortam o sertão de Inhamuns. O narrador Adonias, Ismael e Davi, são os primos e netos do enfermo patriarca da fazenda Galileia, Raimundo Caetano. As impressões de Adonias semeiam pistas de seus sentimentos nessa volta pressionada pela convenção da família Rego Castro. Sendo a voz que comanda a narração, ele funciona como espectador do filme familiar, transmitindo ações e reações do seu ponto de vista. Aliás, a técnica de Ronaldo Brito é influenciada pelo ritmo cinematográfico, como ele mesmo afirma: “É possível que eu tenha visto mais cinema do que lido. Daí uma memória visual manifesta durante a escrita. Prefiro dar ao fraseado dos textos um ritmo cinematográfico. Este sintoma vem se acentuado cada vez mais, nos contos recentes”.¹

Apesar da não onisciência narrativa nas revelações fragmentadas de Adonias, a fabulação ficcional nos envolve como se fôssemos também espectadores daquele ir e vir do passado ao presente, dos *flashes* de reminiscências, reticências, verdades veladas, silêncios acusadores e farsas delirantes. Adonias expõe seu conflito de identidade, que é também o mesmo que predomina nos personagens de fora da fazenda, os “urbanizados”: “Vago numa terra de ninguém, um espaço mal definido entre campo e cidade. Posso referências do sertão mas não sobreviveria muito tempo aqui. Criei-me na cidade, mas também não

¹*Cronópios* – Literatura e arte. [HTTP://www.cronopios.com.br/site/prosa_id=590](http://www.cronopios.com.br/site/prosa_id=590) - 19.11.2006

aprendi a ginga nem o sotaque urbano. *Aqui ou lá me sinto estrangeiro.*” (Galileia, p. 160, grifos nossos)

O sertão continua na minha frente, nos lados, atrás de mim. O asfalto fede. Já chorei por causa dessa ferida preta, cortando as terras. Agora, me distraio com os carros que passam. [...] Os jornais mostram o abandono todos os dias. Podemos ser assaltados na próxima curva, por bandidos armados de rifles, em camionetas importadas como a nossa. Substituíram as pastagens de gado dos sertões por plantios de maconha.²

Adonias é cearense de Inhamuns, médico e mora em Recife. Casado com Joana, também médica, com quem tem dois filhos; os outros primos, também do mesmo sertão, vêm de lugares distintos. Davi presumivelmente de Nova Iorque e Ismael, um imigrante da Noruega. São irmãos: Davi filho legítimo de Natan, um dos filhos do patriarca Raimundo; Ismael, bastardo, de uma tribo Kanela de Barra de Corda, conseqüência de uma viagem de Natan ao Maranhão. Viveu muitos anos na tribo e foi resgatado pelo avô que o reconheceu e o registrou como filho, à revelia do pai. Ismael “Não se envergonha do povo de Barra de Corda, por mais degradado que esteja, porém não suporta o desprezo da família cearense. Esquecem que também são mestiços de índios jucás.” (Galileia, p. 9) Fugindo de Inhamuns, sempre como imigrante, Ismael encontra outro “sertão” europeu norueguês. A comparação é inevitável: “A Noruega é um sertão a menos trinta graus. As pessoas de lá também são silenciosas, hospitaleiras e falam manso. Habitaram-se aos desertos de gelo como nós com a caatinga. [...] acho que as pessoas são as mesmas, em qualquer latitude.” (Galileia, p.73)

Apesar da natureza similar entre as gentes dos dois *habitat*, Ismael mira o sertão: “- É preciso muito tempo pra se gostar de um lugar. Eu nunca me acostumei à Noruega. Dizem que ela é melhor do que isso aqui. Eu não acho. O sertão a gente traz nos olhos, no sangue, nos cromossomos. É uma doença sem cura” (Galileia, p.19): A sua bastardia o liga indissolavelmente a Raimundo, na amizade incondicional pelo avô e pelas terras sertanejas; afeição generosa e mais legítima do que a dos descendentes diretos do patriarca.

O narrador sente “fascínio e repulsa por esse mundo sertanejo”. A ambiguidade dos personagens que habitam a narrativa, a indefinição entre o real verossímil do entrecho romanesco e a miragem fantasmagórica que preenche o imaginário daqueles seres provém da fabulação familiar: a saga da Galileia descende de tempos distantes. “Sua história escrita em três séculos de isolamento guardou-se em baús que não arejam nunca, por mais que debandemos em busca de outros mundos civilizados” (Galileia, p. 9)

A metáfora dos baús trancados guarda o chamamento do mito do eterno retorno, ou destino desses descendentes urbanos, dividindo os sentimentos em busca da compreensão dos mistérios e dos conflitos que preenchem o cotidiano e o imaginário da Galileia. Em torno de Raimundo Caetano, inerte numa cama à espera da morte, se

²Ronaldo Correia de Brito. *Galileia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p. 8-9. Dono de uma escrita extremamente concisa, ele confessa que trabalha com duas propostas de Ítalo Calvino: a exatidão e a rapidez. “Sou um obsessivo em tentar dizer o essencial com poucas palavras. A cada dia me preocupo menos com o efeito das frases. [...] Quase não crio metáforas e censuro os adjetivos. Acho que sou esquemático, o que não deixa de ser um perigo para a literatura. Mas não suporto gorduras, sempre busco chegar ao osso.

desenrolam o drama da família, os segredos guardados, escapando por pequenas frestas, indefinidos, irrevelados. Cercado pelos familiares, sua mulher Raquel que se afasta voluntariamente de seu convívio, Tereza Araújo uma descendente de escravos, mãe de seus filhos bastardos Esaú e Jacó, além dos três filhos legítimos que permaneceram na fazenda. O perfil de Raimundo Caetano é descrito por Adonias:

Durante toda vida praticou um catolicismo pagão, misturando o louvor aos santos com credices e superstições. Sempre rezou um terço ao acordar, mas também oferecia fumo à Caipora, quando caçava. Protegia a casa dos maus-olhados atirando sal grosso nos seus quatro cantos. Os umbigos dos nove filhos legítimos foram enterrados na porteira do curral, para que não abandonassem a terra, e todos se tornassem fazendeiros criadores de gado. O feitiço pegou em apenas três deles, Natan, Salomão e Josafá que fixaram moradia na fazenda. Natan costumava afastar-se em viagens de comércio, mas sempre retorna à Galileia.

A fábula da família Rego Castro tem sua origem em Portugal com a diáspora de Francisco Álvares de Castro, um criptojudaísta que, fugindo da Inquisição, vira judeu errante pela Europa até vir dar com os costados no sertão nordestino do Ceará. Mesmo assim, o mito de um famoso primeiro ascendente da família Castro, teria sido Isaac Oróbio de Castro, afeito às lutas e à literatura. Salomão, o pesquisador da família, se perguntava de onde teria vindo o entrecruzamento das duas histórias:

Todos nós sabíamos a resposta. Inconformados com a crônica medíocre da nossa trajetória para o Brasil, sem heróis nem bravatas no além-mar, nós romanceamos neles as vidas comuns da família, inventamos personagens e remendamos neles pedaços de narrativas, dramas, farsas da tradição oral e dos livros clássicos. Sempre fomos uma família de mentirosos e fabuladores. [...] Não despreze os que enaltecem nosso avô Francisco de Castro com a sabedoria de Isaac Oróbio. Pense em quanto lucrámos com essa mentira. Onde não existe esplendor, inventa-se. [...] A farsa nos mantém unidos. A hipótese de uma ascendência judaica não possui grande importância. Nem foi por causa dela que Raimundo Caetano escolheu o nome de todos os filhos e netos nas páginas de uma velha História Sagrada, composta de textos seletos do Antigo e do Novo Testamento; leitura obrigatória mal começávamos a soletrar as primeiras letras. (*Galileia*, p.26-28)³

Durante o percurso sertão a dentro, os três primos discutem sobre o motivo da viagem, divergem, confrontam-se, cada um a seu modo encara esse retorno como um resgate do destino que os cerca na violência da Galileia, que se dissimula entre o que é sugerido e ao mesmo tempo silenciado. As reflexões de Adonias exprimem os sentimentos da família Rego Castro:

³Esse episódio faz lembrar a desfaçatez de Brás Cubas ao narrar a fraude de seu pai: “Como este apelido lhe cheirasse excessivamente a tanoaria, alegava meu pai, bisneto de Damião, que o dito apelido fora dado a um cavaleiro, herói nas jornadas da África, em prêmio da façanha que praticou, arrebatando trezentas cubas aos mouros. Meu pai era um homem de imaginação: escapou à tanoaria nas asas de um *calembour*.” Machado de Assis. *Brás Cubas*. Obras Completas. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986, v. I, p. 515.

Somos aves de arribação. Mesmo quando partimos sem olhar para trás, retornamos. Quando imaginamos firmar os pés numa nova paragem, estamos de volta. Corremos a cento e sessenta quilômetros por hora, Ismael, Davi e eu, vindos de pontos diferentes do mundo, desejando rever o quase morto, celebrar o resto de vida do avô que há três anos não levanta de uma cadeira de rodas. Impossível esquecer quem é Raimundo Caetano. [...] Desde que adoecera, Raimundo Caetano fora colocado numa cama. Esaú e Jacó não conseguiam acomodar numa rede seu corpo gordo e cheio de escaras. Foi como se o condenassem à insônia perpétua, ao inferno de ver as noites passarem, olhando os caibros e as ripas do telhado. [...] Enredado nas lembranças sem ter mais ninguém a quem abrir o coração, porque era o último da espécie, Raimundo Caetano sentiu-se condenado à morte sem direito a apelação. (*Galileia*, p. 69-59)

A decadência de Raimundo Caetano, o declínio de seu poder de mando, coincide com a deterioração da fazenda:

A Galileia reflete a doença do avô. A mesma infecção que destrói sua carne parece arruinar a terra. O mato invade as plantações, as cercas e os currais tombam. [...] Arruinou-se o quarto de fabrico de queijo, e as prensas lembram esqueletos de dinossauros, memória da fartura de leite. Parece que um meteoro caiu sobre a Galileia, queimou os pastos, matou os rebanhos, pôs os currais abaixo. Até os aboios dos vaqueiros são ouvidos apenas nos programas de rádio. Nos fogões de lenha não se torra café, nem manteiga, nem se produz o sabão da gordura dos porcos e bois. Panelas de barro, e cobre, cuias, jarras, potes e alguidares perderam a função. Minguaram, substituídos sem saudade por plásticos e acrílicos. (*Galileia*, p.69-111)

Todos esses descaminhos que invadem pessoas e terras apontam para a urdidura romanesca. Adonias, a certa altura, diz que “Vago numa terra de ninguém, um espaço mal definido entre campo e cidade.” (*Galileia*, p.100). Em entrevista para Cronópios, Ronaldo Correia de Brito diz textualmente: “Escrevo sobre um sertão invadido pelas cidades. E sobre cidade arruinadas pela ruptura com o sertão. Meus personagens, apesar da paisagem desértica, são neuroticamente urbanos. O que é o sertão, você sabe? Eu juro que não sei. No entanto, ele existe. E eu nada mais faço do que procurá-lo.”⁴

Davi, homossexual, pseudopianista que se diz famoso, é escorregadio, obscuro, dissimulado. Guarda o segredo de um possível abuso sexual em criança, por vezes atribuído a Ismael, mas negado e nunca confirmado. Adonias tem maior identificação com Ismael, o primo mestiço e renegado: “[...] apesar do temperamento violento, é generoso e gosta de aconselhar como um velho. Talvez seja o mais moralista da nova geração de primos. Olho seu rosto moreno, cheio de marcas, e reconheço a genética dos Inhamuns”. (*Galileia*, p. 16)

A viagem até a Galileia, passando por vilarejos e arruados, extremamente desprovidos de recursos humanos, mas já com demonstrações vitais de produtos urbanizados, ocupa quase um terço da narração e permite a Adonias as observações sobre as alterações que se verificam na mudança de hábitos e comportamentos daqueles

⁴ <http://www.cronopios.com.br/site/artigos.asp?id=394>. 1-11-2006

habitantes, cuja antiga identidade cultural vai se deteriorando. Ao longo do caminho divisa o cenário de um processo de transferência do antigo costume de pastorear o gado pelos vaqueiros: “Duas mulheres tangem o gado de motocicleta. A mesma cena que vi antes agora me parece graciosa. O poder masculino cede lugar ao feminino.” (*Galileia*, p. 227) Noutra direção, essas observações valem também para a Galileia que passa da antiga vocação e dependência agropecuária para a manufatura, subvertendo o estrito mando dos patriarcas.

Os avós já não sobreviviam dos plantios e dos rebanhos. O principal sustento vinha de um fabrico de redes artesanais, empregando mulheres na manufatura de punhos, cordões, varandas de crochê e bordados. Os quartos de dormir, as salas de estar e os terraços da casa foram ocupados por máquinas de costura e fiação. As mulheres romperam as prisões simbólicas, saíram para o mundo, quebraram as paredes do gineceu e as portas que as isolavam no claustro sombrio. *Os tempos eram outros, homens e mulheres se ocupavam dos mesmos afazeres, invertia-se a antiga ordem patriarcal.* (*Galileia*, p. 60, grifos nossos)

Enquanto narrador e cronista desta épica familiar, Adonias traz em *flashes* recordações da infância e adolescência envolvendo a parentela; crises existenciais, legados de culpas, idiosincrasias dos avós, tios, primos e agregados. A chegada dos três a Galileia não faz parte da expectativa de seus habitantes. “Ninguém corre ao nosso encontro, nem Aleph, o cão do avô. A bagagem continua no carro, *estamos de passagem.*” (*Galileia*, p. 91, grifos nossos) Os filhos Salomão, Natan, e Josafá moram em casas separadas, mas próximas da casa-sede do patriarca. Os dois últimos são casados, separados e com filhos. Natan é pai de Elias e Davi; quando a esposa o deixa, leva o pequeno Davi. Sente uma grande rejeição pelo filho bastardo Ismael. Josafá, descrito como o mais alegre e bonachão, tem a esposa morando na cidade próxima com uma filha epilética, que ele visita de quando em quando.

Dos três tios, Salomão é o personagem que estuda a genealogia familiar, fixado na origem ibérica; encarna a consciência tradicionalista da história da colonização e da região sertaneja. Seu *habitat* eram os livros dispostos em estantes e espalhados por todo o entorno. Suas pesquisas tinham o cunho nacionalista, mas fundamentado na cultura ibérica e na noção de regionalidade. As discussões com Adonias, que se julga um intelectual pós-moderno sempre terminam em dissensões:

Percebia seu esforço em busca do que é permanente e sobrevive ao furor das mudanças. E admirava o quanto ele insistia numa consciência regional, procurando desenvolver um pensamento e uma prática cosmopolita. Separado de um passado mítico e irrecuperável, esforçava-se por achar no presente um caminho para ele e seu mundo sertanejo. Mas essa trégua durava pouco tempo. Logo eu voltava a ser o intelectual pós-modernista desconfiado da cartilha do tio, temeroso de que ele me transformasse em mais um talibã sertanejo... [...] Tio Salomão é um regionalista. Existe coisa mais fora de moda do que um regionalista?⁵

⁵Desde que Gilberto Freyre estabeleceu os cânones do Movimento Regionalista, e surgiu o Romance de 30, que tentam enquadrar a nossa produção nessa cartilha, esquecendo que já se passaram 70 anos, e que *todo escritor escreve na perspectiva de seu tempo. Essa cartilha nos*

Samuel mescla um regionalismo derivado da “cartilha” de Gilberto Freyre com o Armorial sertanejo de Ariano Suassuna. Seu discurso cultural às vezes faz lembrar um dos mestres de Quaderna, Samuel, um nacionalista de raízes ibéricas que junta a esse critério o de fidalguia e nobilitação. “Julga-se um intérprete da cultura brasileira, porta voz dos pobres e desvalidos, sem abrir mão das regalias de um nobre.” (*Galileia*, p. 161) ⁶ Sobre o regionalismo de Recife, ele, tal como Gilberto Freyre, diz que “deveriam investigar a contribuição econômica, social e linguística que o Nordeste deu para a formação do Brasil e tudo o que foi produzido nas artes. (*Galileia*, p. 164)

É ainda em Samuel que a teoria do *Narrador* benjaminiano flui de suas concepções, justificando a genealogia dos Rego Castro, embora de uma maneira um tanto enviesada, mas útil aos seus princípios:

De acordo com nosso tio, existem duas categorias de homens, os viajantes e os sedentários. Os primeiros percorrem terras distantes e relatam histórias de outras gentes, quando voltam ao lugar de origem. Os segundos, artesãos, pastores e agricultores e enquanto trabalham, pensam nelas. [...] Com o passar dos tempos, adaptam os nomes desconhecidos ao vocabulário local, os princípios alheios aos seus, e de palavra em palavra recriam as narrativas. [...] Tio Salomão garante que dessa maneira se formaram as lendas da família Rego Castro, sobretudo as que se referem ao nosso passado ibérico e holandês. (*Galileia*, p. 24)

Do quarto-morada, Raimundo Caetano espera pela visita dos netos e de Ismael o filho-neto, ignorado pela parentela. “Apenas o avô se mostra ansioso para abraçá-lo. E é para ele que Ismael corre”. (*Galileia*, p. 92) A lenta agonia do patriarca mobiliza a família como obrigações a serem cumpridas, mas a rotina da morada pouco muda. Seu aspecto decaído pela longa imobilidade e pelos maus cuidados faz Adonias refletir, enquanto limpa as escaras dele: “O avô cheira a carniça, deixaram que ele apodrecesse”. (*Galileia*, p. 92) Mas sua *presença* ainda é marcante na vida dos descendentes que gravitam à volta de seu antigo mando:

Ambivalentes, os da família também esperam que Raimundo Caetano nunca morra. Junto com ele enterraremos a Galileia e parte de nossa história. Planetas sem órbitas, cometas em colisão, vagamos pela casa arruinada. Natan pensa em interná-lo num hospital, para que se mantenha vivo. Rejeito a vontade do tio, a hora de Raimundo chegou. Minha decisão ganha fôlego. O avô não abandona o lugar onde nasceu, nem o túmulo que construiu. (*Galileia*, p. 106)

“Planetas sem órbitas, cometas em colisão, vagamos pela casa arruinada.” Aproxima-se o clímax para o narrador. Insone, Adonias vela o sono do doente e refaz seu boletim médico quando ouve a voz do avô: “- Adonias, eu quero morrer. – Eu sei, vovô. – Não deixe que Natan e Elias me levem para um hospital. Eles querem me trancar numa UTI, pra não me verem morrer. [...] Você vai embora, Adonias? – Vou, mais Ismael fica. Ele é o único que sonha em morar aqui, que tem planos para a Galileia. – Ismael? – Ele foi

prestou um grande desserviço, Regionalismo virou palavrão. Ronaldo C. de Brito. <http://www.cronopios.com.br/site/artigos.asp?id=394>. 1-11-2006. (grifos nossos)

⁶A propósito do romance de Ariano – *A pedra do reino* – ver FARIAS, Sônia Lúcia Ramalho de. *O sertão: de José Lins do Rego a Ariano Suassuna*. Recife: Editora da UFPE, 2006, 523 pag. Ver também o perfil ideológico de Samuel o ibérico e Clemente, defensor da raça tapuia, nas páginas 328-329.

rejeitado, mas aceita ficar.” (*Galileia*, p. 221) A poesia mística brota da mente de Adonias: “Vá Ismael, nos guie! Santificado seja o seu nome. Um anjo do Senhor virá em teu socorro. O filho da escrava não será desamparado, uma fonte jorrará no deserto. Do proscrito também nascerá uma grande nação.” E assim, a Galileia será preservada...

A viagem de volta de Inhamuns até o Recife volta a desencadear no narrador o conflito de identidade: “Aqui ou lá me sinto estrangeiro. [...] À medida que me afasto desse sertão dos Inhamuns sem nunca virar-me, igualzinho fez Ló quando fugia de Sodoma, ele me transmite um apelo. Tapo os ouvidos com cera de carnaúba e fico surdo aos seus chamados. [...] Não quero o Recife. Ao lado do avô e dos parentes só pensava em voltar para casa. *Agora prefiro um espaço neutro*”. (*Galileia*, p. 225-228, grifos meus).

Na volta, perdido numa cidadezinha qualquer, Adonias embriaga-se, rouba seu celular no meio de uma turba de fiéis em procissão, festejando o santo padroeiro. Perde a comunicação com a família e mergulha nessa extensão abstrata, de subjetividade indefinida. O espaço neutro desejado.